

“Canto cursivo do divino” – significado e alcance da arte caligráfica no mundo árabe e islâmico

Aida R. Hanania¹

Resumo: O artigo, centrado na caligrafia (al-khat), discute alguns aspectos da arte árabe-islâmica: imagem e palavra; palavra escrita e caligrafia; proibições etc.

Palavras Chave: Alcorão. arte árabe. caligrafia. imagem.

Abstract: This paper – centered in calligraphy (al-khat) – discusses some aspects of Arabic-Islamic arts. Image and word, written word and calligraphy, “prohibition” etc..

Keywords: Koran, Arabic arts, calligraphy, image.

Se podemos afirmar que a arte traz dentro de si, algo do inconsciente da cultura que produziu o artista, no caso árabe, podemos dizer que essa tradução é mais acentuada, o que se verifica imediatamente na arte caligráfica, suprema instância de celebração do Islão.

Quando nos referimos à arte árabe, referimo-nos também à arte islâmica, à qual está intimamente vinculada e com a qual se confunde inteiramente.

O conjunto de características que a definem se vai delineando paralelamente à formação da civilização muçulmana, que decorre do movimento expansionista árabe, com o advento do Islão no século VII.

Tendo se constituído e desenvolvido sob a égide do Islão, a civilização árabe foi uma das maiores civilizações da escrita que o mundo conheceu: a palavra contida no Alcorão é, para o árabe, diretriz fundamental de vida.

Palavra incriada e eterna de Deus, o Alcorão (o Livro), signo-fonte da cultura árabe islâmica é o texto maior do muçulmano, seu amplo código de conduta religiosa, filosófica, social, jurídica, moral... A escrita, e sobretudo a caligrafia árabe (em árabe expressas significativamente pela mesma palavra *khat*), é uma das formas mais proeminentes de inserção do signo na realidade e na memória dos homens, pois fixa a língua que se tornou o veículo da Revelação. O próprio Alcorão confere à escrita e à caligrafia, a dimensão hierática, sobrelevando o cálamo que as produz, como em 96, 3, 4 e 5: “Lê! Teu Senhor é o Generosíssimo que ensinou a escrever com o cálamo, ensinou ao homem o que ele não sabia”.

Ao contrário da arte ocidental, fundada na poliidealização, a árabe revela-se essencialista, expressando-se por uma forma decorativa não-figurativa, fortemente alicerçada na caligrafia do pensamento alcorânico e, como tal, convoca a máxima reverência.

Pode-se dizer que a caligrafia define-se por um dinamismo “grafofônico”, na medida em que é escrita para ser *ouvida* no silêncio da fé que leva ao Islão (em árabe *Islâm*: entrega total a Deus). É poesia para ser vista, contemplada, pela harmoniosa concepção do signo como unidade estética, capaz de abarcar pelo conteúdo e pela forma, a mensagem de saber, de dever e de beleza enviada por Deus: “Deus se manifesta escrevendo e o homem se aproxima de Deus, lendo aquilo que está escrito.

¹. Profa. Titular da FFLCHUSP. Autora de *A Caligrafia Árabe*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

Se o olho físico e mental do homem acompanha atento as curvas da letra, seu espírito é elevado em curvas até o espírito universal”².

Dada sua estrutura religiosa e considerando sua infinita gama de qualidades estético-estilísticas, a caligrafia não se restringe apenas à mesquita: faz parte do ambiente didático da *madrassa* (escola religiosa); entra na composição decorativa da cerâmica, da tapeçaria e de mosaicos; alça-se aos cumos de monumentos e palácios; chega às tumbas; adquire, por vezes, o caráter documental de uma época, pela celebração de nomes e de feitos de governantes; integra pergaminhos e livros científicos e literários, participando assim, de instâncias que a fazem penetrar também no domínio do profano.

A caligrafia é a mais nobre das artes visuais do Islão e a de fundamento e concepção mais peculiares. Está longe de ser uma arte em substituição à imagem, esta, mal vista por um Islão em que o combate ao politeísmo e à idolatria é um ponto fulcral de doutrina. A caligrafia é antes uma arte em que a letra - o signo - se faz imagem.

Para além de seu significado hierático, adquirido a partir do Islão, as razões de valorização do signo encontram-se na mais longínqua Arábia pré-islâmica.

Impõe-se aqui, o percurso que leva de volta à realidade primeira do homem árabe, ao nomadismo, ao âmago da península que proporciona a intimidade com o deserto. Deserto que parece ser o manancial do questionamento e da resposta, da angústia, do sofrimento e da coragem, mas também da beleza; sobretudo por ser o mentor do encontro do homem consigo mesmo, sem outra mediação a não ser a do silêncio que, eloquentemente, o povoa.

Nesse mundo de ausência, de vital impacto com seu ser mais íntimo, a gente do deserto previne-se contra tudo o que, de certa maneira, se liga ao mundo do visível, preferindo a visão interior à representação clara e manifesta.

Com efeito, num mundo habitado por miragens, a imagem ganha contorno de mentira, de fantasia; não tem significado real. O deserto é o mundo do invisível e, principalmente, um mundo sônico.

Os meios de expressão artística, já na primitiva realidade árabe, são, compreensivelmente, a música e a poesia: duas vertentes essenciais que procedem do espírito e a ele retornam, suprimindo a necessidade de beleza e de ligação com o mundo de que todo homem não prescinde; o errante em particular.

O homem do deserto aproxima-se da realidade por meio de signos abstratos que se traduzem, desde sempre, na forma de dizer, de escrever e de entoar...

O Alcorão surge como determinado *por e para* essa realidade: não-raro, as comparações e imagens de que se vale para fixar preceitos, correspondem a elementos familiares ao povo árabe. Na sura 24, versículo 39, os empreendimentos dos infiéis são comparados à miragem: “As obras dos infiéis são como miragem no deserto: o muito sedento pensa que é água, até que, lá chegando, não encontra nada”.

A forma de expressão - cifrada - ainda que lembre a poética, remete a uma ancestralidade semítica, evidente no dizer do apóstolo Paulo, quando afirma que os semitas buscam sinais, contrapondo-se aos gregos, que pedem sabedoria de argumentação racional (Cor 1,22).

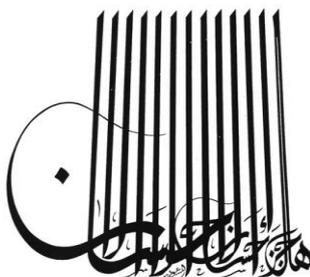
Sinais. Também nesse sentido a arte caligráfica - mais do que qualquer outra arte - reflete a visão de mundo alcorânica: as relações entre Deus e o homem e Suas mediações por via da criação. A concepção islâmica de Deus espelha-se na caligrafia, na medida em que se legitima como seu veículo maior de comunicação: é através da

². No dizer de Vilém Flusser. “Ex Oriente Lux”, in *Cavalo Azul*, No 2, scp/sd.

caligrafia que a palavra perpetua seu caráter divino, uma vez que escrita e arte conjugam-se em favor da lembrança e da perenização da Palavra.

A escrita árabe - articulada por um conjunto de signos em que se salientam vinte e oito letras que variam entre uma disposição vertical e outra horizontal - realiza-se da direita para a esquerda, fato que Burckhardt poeticamente explica: “equivale a dizer que a escrita parte do campo da ação em direção ao coração”³.

A caligrafia, arte que surgiu justamente para glorificar a mensagem divina, mantendo-a viva no coração dos homens, busca vários estilos como mediadores dessa intenção, procurando espelhar, seguindo um padrão sempre inatingível, a beleza e a profundidade da palavra de Deus.



"Não é a bondade a recompensa da bondade?" (Alcorão) Cal. H.M.

Esta dimensão filosófico-religiosa coloca inevitavelmente a caligrafia na base da teologia muçulmana. O caráter dessa relação profunda ressaltará sempre na arte caligráfica, mesmo quando dessacralizada ou utilizada de outro modo (como faz Hassan Massoudy⁴, ao promover, por meio de sua arte, o teor humanístico do pensamento): pela reverência do traço, magnificência do estilo, solenidade do gesto... Sobretudo, pela estrutura física da escrita (privilegiada pela enorme plasticidade de que são dotados os caracteres árabes), realizando-se pela ordenação das letras em duas disposições: uma vertical que conduz à ascensão, representada principalmente pelo *alif* e pelo *lamm* e outra, horizontal, que as junta, tecendo a unidade e o ritmo que virá a configurar o signo estético, seja ele de cunho religioso ou não. A sacralidade, porém, passa, necessariamente, a integrá-lo.



"Não quero mais ser nuvem / Quero ser árvore / E prender-me com força a meu terreno". (Guillevic) Cal. H.M.

³. Burckhardt, Titus. *Sacred Art in East and West*, Middlesex, Grã-Bretanha, Perennial Books, 1967, p.116. Profa. Titular da FFLCHUSP. Autora de *A Caligrafia Árabe*, São Paulo, Martins Fontes, 1999.

⁴. Calígrafo árabe, nascido no Iraque (1944) e radicado na França. É um dos mais conceituados da atualidade e, sem dúvida, o mais destacado no Ocidente.

É interessante notar que a singeleza dos recursos que estão a serviço do calígrafo não é, à primeira vista, compatível com a grandiosidade que lhe permitem alcançar no nível da criação artística.

O *cálamo*, instrumento essencial, nasceu do caniço, planta que se adapta a todos os movimentos necessários à escrita. Todo calígrafo, ao prepará-lo - fazendo abertura, fenda, talhe e corte - torna-o *seu cálamo*, seu instrumento próprio de trabalho.

Massoudy nos ensina que a posição tradicional para um calígrafo árabe é estar sentado no chão. Escreve diretamente sobre os joelhos ou sobre uma mesa baixa... Naturalmente, a mão e o cálamo percorrem o papel no mesmo sentido da escrita árabe: da direita para a esquerda. A mão deve segurar o cálamo firmemente, permanecendo, ao mesmo tempo, suave.

O calígrafo chama-nos a atenção para a importância fundamental da respiração para a execução do traço: "A capacidade do calígrafo de reter sua respiração reflete-se na qualidade de seu gesto (...). O calígrafo deve aprender, ao longo de sua formação, a disciplinar sua respiração e a aproveitar uma interrupção no desenho da letra para retomá-la. (...) Quando o movimento é longo, para que a linha permaneça pura, o calígrafo deve reter sua respiração, a fim de que não intervenha no gesto".⁵



"Como ceder ao sonho que o visita, quando o sono, entre tantos amigos, o abandona?"
(Abou Firás Al-Hamdani, séc.X) Cal. H.M.

É o próprio calígrafo que prepara a tinta e, frequentemente, cada um tem sua receita particular, às vezes secreta... Massoudy resgata algumas dos primórdios da caligrafia (séc. X), utilizando-as ainda hoje, e obtidas por meio de ingredientes extremamente simples, como: água, sal, goma arábica, nozes de galha torradas e moídas, mel, pó de fuligem... e outros.

⁵. In Massoudy, Hassan. *Hassan Massoudy, Calligraphe*, Paris, Flammarion, 1986, p.46.

Quanto aos estilos, sua multiplicidade se deve à vontade das várias populações convertidas ao Islão de conservar os textos alcorânicos e de transcrevê-los de modo adaptado à sua natureza e à escrita de origem.

As duas formas mais antigas de escrita são: uma flexível e cursiva, que está na base do estilo *neskhi* e outra mais rígida e angulosa, que está na base do estilo *kufi*, ambos muito presentes desde o surgimento da arte caligráfica até nossos dias e que deram origem a outros estilos, igualmente tradicionais e ainda hoje utilizados.

É interessante retomar aqui, a concepção de Hassan Massoudy que, consciente de sua autenticidade, resume o papel do calígrafo atual: “É preciso ultrapassar as regras estabelecidas: para atingir sua arte, o calígrafo deve transgredi-las após tê-las seguido. Pois, de uma composição caligráfica, deve-se destacar algo de indefinível, de impalpável, de poderoso, fora de toda norma”⁶. Perenidade e modernidade caminham juntas pela arte de Massoudy, a provar que nada será mais novo que o passado, quando sensivelmente reinterpretado pela ótica do presente. Em sua trajetória, o calígrafo busca um equilíbrio entre a fidelidade à herança do passado e a pesquisa de caminhos novos. Por isso, volta-se de modo irremediável ao futuro, mas com a mesma intensidade com que o faz em relação ao passado.

Ao utilizar a seiva sagrada para sua criação profana (como que sacralizando-a...), Massoudy revela que, em sua obra, há sempre a associação da arte com um conteúdo *útil* que possa operar uma mudança no interior dos homens.

A caligrafia, enquanto *escrita*, deve resultar em uma informação contida nas palavras; e, enquanto *arte*, deve promover uma estética resultante de seu ordenamento. Habitualmente, a informação pode ser ofuscada pelos efeitos estéticos, mas ainda assim, a caligrafia é uma linguagem.

Não fosse desse modo, estaríamos diante de simples grafismos...



"O Sol brilha para todos" (Provérbio francês) Cal.H.M.

⁶. Idem, p.64.

Em sua tripla dimensão: educativa, iconográfica e estética, a caligrafia busca ser o refinamento máximo da escrita, a retórica da letra, mas, antes de mais nada, impõe-se ao calígrafo - sacralizada ou não - como o “canto cursivo do divino”⁷

Recebido para publicação em 08-06-23; aceito em 09-07-23

⁷. Na feliz formulação de Khatibi, A. e Sijelmassi, M. in *L'Art Calligraphique de l'Islam*, Paris, Gallimard, 1994.